Segunda parte – Personagens da Capoeira na Literatura Brasileira

Capítulo 5 - Pedrito, Sete Mortes e a ficção amadiana

Josivaldo Pires de Oliveira
Luiz Augusto Pinheiro Leal

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, J. P., and LEAL, L. A. P. Pedrito, Sete Mortes e a ficção amadiana. In: *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 83-96. ISBN: 978-85-232-1726-6. Available from: doi: [10.7476/9788523217266.007](https://doi.org/10.7476/9788523217266.007). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/96v9g/epub/oliveira-9788523217266.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Pedrito, Sete Mortes e a ficção amadiana

A década de 1960 foi um marco crucial na descoberta de novos temas e abordagens das Ciências Sociais e Humanas. A questão racial, por exemplo, era um dos objetos contemplados. Estava na ordem do dia nos debates acadêmicos, não apenas no Brasil, mas também em outros países do Ocidente. Assim, os estudos sobre religiosidade afro-brasileira e relações raciais iriam marcar a produção intelectual brasileira nas décadas ulteriores¹. *Tenda dos milagres*, romance do escritor Jorge Amado, publicado em 1969, pode ser entendido como o discurso de um intelectual baiano que revelava, através de sua ficção, as questões políticas e sociais daquele momento: “livro realmente da luta do povo brasileiro contra o racismo”.² No romance, está evidente a tese da mestiçagem, considerada a solução possível para o problema da questão racial no Brasil: “atributo da cidade mestiça, do amor das raças, da clara manhã sem preconceito”.³

¹ Esse argumento toma como base as publicações sobre desigualdades raciais resultantes das pesquisas financiadas pelo Projeto Unesco de Relações Raciais no Brasil, executado no início dos anos 1950.

² AMADO, Jorge apud GOMES, A. C.; NEVES, S. R. R. *Literatura comentada*: Jorge Amado. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 52

³ AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. 23ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983. p. 28.

Algumas das questões tratadas nesse romance, a exemplo da relação da polícia com o candomblé e a capoeira, práticas culturais de matriz africana, parece terem sido retomadas, principalmente, de um outro livro, datado da década de 30, do século XX. Trata-se de *Jubiabá*, publicado em 1935. Nele encontra-se o “herói negro” Antônio Balduino, um capoeira, “o imperador da cidade negra da Bahia”.⁴ Em *Tenda dos milagres*, tal atributo coube a Pedro Archanjo, também capoeira protegido dos orixás e protetor do povo de santo. Archanjo seria um mulato autodidata que “como bedel na Faculdade de Medicina, defendia o afro-brasileiro e sua cultura contra as teorias racistas dos acadêmicos da primeira década do século XX”.⁵

Os estereótipos e preconceitos presentes nas elaborações de Jorge Amado, inclusive no romance em questão, foram alvos de severas críticas. Um exemplo é o papel da mulata, o que despertou o seguinte comentário:

A mulata é sempre a mesma, a encarnação das fantasias sexuais do homem branco. [...] No caso de Ana Mercedes, suas aptidões extra-sexuais são ridicularizadas.⁶ [...] É significativo, porém, que a mulata obtenha maior respeitabilidade quanto mais distante esteja de seus antepassados

⁴ AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 58ª. ed. Rio de Janeiro: Record, Salvador: Correio da Bahia, 2000. p. 54.

⁵ BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 138.

⁶ A personagem Ana Mercedes era uma jornalista responsável em acompanhar o cientista social norte-americano James D. Levenson. Professor da Universidade de Columbia que pagou para o bacharel Fausto Pena, “o corno do momento”, parceiro de Ana Mercedes, fazer uma pesquisa sobre Pedro Archanjo. Ana Mercedes é apresentada no romance como uma jornalista de duvidoso caráter profissional, mas bastante capaz em suas aptidões sexuais. AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, p. 19-23.

africanos, fato este que mais uma vez ilustra o preconceito de Amado.⁷

As críticas feitas à obra de Jorge Amado nem sempre são contundentes, como o exemplo citado. Às vezes, derivam de leituras simplistas. Como não me ocuparei aqui com o debate sobre a crítica da literatura amadiana, recomendo a leitura do texto de Ana Paula Palamartchuk, no qual a autora destaca o caráter popular e de comprometimento social do romance amadiano, exigindo assim dos leitores e, portanto, da crítica, um maior cuidado ao avaliá-lo à luz dos cânones hegemônicos da produção literária no Brasil.⁸

Interessa a este trabalho o universo da repressão aos terreiros de candomblé e capoeira, com destaque para os capangas e capoeiras e suas relações com o poder público, reconstituídos na ficção de *Tenda dos milagres*. Os personagens do delegado Pedrito Gordo e do capanga e suposto capoeira Inocêncio Sete Mortes servirão de baliza para as observações que se seguem.

Pedrito Gordo é inspirado no delegado Pedro de Azevedo Gordilho, de quem muitas evidências históricas podem ser encontradas. As notícias de periódicos que circulavam na cidade de Salvador na década de 1920 permitem acompanhar a campanha desenvolvida pelo delegado contra o candomblé e, por tabela, a capoeira, arquitetando o controle social das ruas da capital.

Ângela Lunhing, em seu trabalho sobre a repressão ao candomblé no período de 1920 a 1942, evidenciou que Pedrito foi um dos mais violentos e temidos chefes de polícia, chegando a

⁷ Idem, p. 143.

⁸ PALAMARTCHUK, Ana Paula. Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos?. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Afonso M. (Org.). *A história contada*.

se tornar símbolo da perseguição ao povo de santo no referido período. A autora, pesquisando os jornais que circulavam em Salvador nas décadas de 1920 e 1930, não identificou a presença de capoeiras, pelo menos explicitamente, mas reuniu muitas notícias de jornais sobre as batidas em terreiros de candomblé.⁹ Pedro Gordilho aparece em muitas dessas notícias, mas é Jorge Amado que se encarrega de construir sua caricatura, através de um personagem portador de mesmo apelido – Pedrito – e marcado pela repressão às duas manifestações culturais citadas.

Alto, gordo, branco, “vacilando entre o loiro e o sará” seriam as características físicas de Pedrito. Bacharel em Direito – essa era, inclusive, a condição necessária para exercer o cargo de Chefe de Polícia – o ódio do delegado contra as manifestações da cultura afro-brasileira é justificado na sua formação intelectual, pois em seu tempo de estudante na Faculdade de Direito fora conduzido por leituras de autores influenciados pelas teorias do racismo científico, que defendiam a tese de que a cultura de matriz africana era uma degeneração social perniciosa e com tendência à criminalidade.¹⁰

No gabinete de Pedrito Gordo, numa pequena estante, alinhavam-se livros e opúsculos, alguns do tempo de Faculdade, outros lidos depois da formatura, marcados a lápis vermelho, vários de publicação recente. *As Três escolas penais: clássica, antropológica e crítica*, de Antônio Moniz Sodré de Aragão, adepto da Escola Antropológica Italiana: *Degenerados e criminosos*, de Manuel Bernardo Calmon du

⁹ LUHNING, Angela. Acabe com este santo, Pedrito vem aí...: mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942. Revista USP, São Paulo, n. 28, p. 194 - 220, 1996. Dossiê Povo Negro – 300 anos.

¹⁰ A Faculdade de Direito da Bahia e a Faculdade de Medicina tiveram relevante importância na difusão das teorias raciais no início do século XX. Sobre essa questão ver: Schwarcz (1993).

Pin e Almeida: *Craniometria comparada das espécies humanas na Bahia sob o ponto de vista evolucionista e médico-legal* de João Batista de Sá Oliveira; *Germes do Crime*, de Aurelino Leal.¹¹

Assegura ainda o autor que se juntavam a esse acervo publicações como: *A criminalidade negra; A degenerescência psíquica e mental entre os povos mestiços nos países tropicais; As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil; Antropologia patológica — os mestiços*.¹² A lista das obras reforça a influência dos racialistas na formação do delegado Pedrito, esclarecendo, assim, porque Pedrito “aprendera que negros e mestiços possuem natural tendência ao crime, agravada pelas práticas bárbaras do candomblé, das rodas de samba, da capoeira, escolas de criminalidade a apreciar quem já nascera assassino, ladrão, canalha”.¹³

Esse discurso (tomado por Jorge Amado como do chefe de polícia Pedrito Gordo) era reflexo das teorias racistas que marcaram a virada do século XIX para o XX. Essas teorias representavam a base da Antropologia Criminal, cujo pensador de maior eminência, Cesare Lombroso, afirmava em seu livro *O homem delinquente*, publicado em 1876, ser a criminalidade um fenômeno físico e hereditário.¹⁴ Essa ciência, denominada Criminologia, acreditava ainda poder capturar o criminoso antes de cometer o ato.¹⁵

¹¹ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, p. 245.

¹² Idem, p. 246.

¹³ Idem, p. 345-346.

¹⁴ SCHWARCZ, Lília K. Moritz. “Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX”. In: *Afro - Ásia: Revista do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA*, n° 18, 1996, p. 85-86).

¹⁵ Vale ressaltar que o médico e etnólogo Raimundo Nina Rodrigues foi um dos maiores representantes das teorias lombrosianas, sobre a qual “Lombroso sagrava-o Apóstolo da Antropologia Criminal no Novo-Mundo”. PEIXOTO, Afranio. “A vida e

Neste raciocínio, Pedrito se propõe a acabar com a “negralhada”: “Vou limpar a cidade da Bahia”. Seria essa a intenção do delegado, segundo Jorge Amado. Sua administração na chefatura de Polícia durou de 1920 a 1926 e para a realização de sua campanha “civilizadora” contra os costumes populares, contava ainda, segundo Jorge Amado, com sua polícia secreta formada por famosos assassinos, dentre os quais Inocêncio Sete Mortes. Buscaremos reconstituir, nas linhas seguintes, a partir de notícias de jornais e dos autos do processo criminal por homicídio de Sete Mortes, reconstituir a relação deste ex-policia! com os serviços de capangagem política e o universo da capoeira na cidade do Salvador, nas primeiras décadas do século XX.

As campanhas eleitorais no Brasil, na Primeira República, foram marcadas por acirrados conflitos partidários. Termos como “poder local”, “coronéis” e “capangas” estão associados à história da luta político-partidária no Brasil republicano.¹⁶ Nesse sentido, foram vários os mecanismos utilizados pelos grupos políticos que disputavam o poder, entre esses a contratação de “sicários” desordeiros, para atuarem como violentos cabos-eleitorais.¹⁷

Na Bahia, neste período, parece ter sido frequente para esses serviços a utilização de forças públicas. Constatei na cidade de Salvador a presença de policiais da guarda civil atuando como temíveis capangas e que se tornaram notórios cabos-eleitorais.

a obra de Nina Rodrigues”. In: RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Salvador: Progresso, 1957.

¹⁶ LINS, Wilson. Mandonismo e obediência. In: _____ et al. *Coronéis e oligarquias*. Salvador: Ianamá, 1988. p. 13.

¹⁷ “Sicário” era um adjetivo frequentemente atribuído a Inocêncio Sete Mortes, encontrado em várias notícias dos jornais trabalhados. Significa “assassino comprado para cometer toda a casta de crimes”, “malfeitor, facínora”, “cruel, sanguessedento.” AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964. p. 3732.

Cito aqui as polêmicas em torno de Antônio Moniz, governador do Estado da Bahia entre 1916 e 1920, quando foi acusado pela imprensa local de utilizar serviços de capangagem política realizados por policiais de duvidoso caráter: “Sete Mortes era um sí-cário obscuro. [...]. Quem o fez célebre foi o dr. Antonio Moniz, mandando-o buscar no sertão longínquo, para ser aqui a sombra do seu governo.”¹⁸

Sete Mortes, na verdade, se chamava Inocêncio Firmino de Souza. Casado com Medrada Firmino da Rocha, nasceu em 1883 e, segundo consta, era oriundo da cidade de Juazeiro, sertão da Bahia. Durante a gestão de Antônio Moniz, foi guarda civil de 1ª classe e era acusado de ser capanga do citado governador. A atuação de Inocêncio Sete Mortes não se restringiu ao mundo da capangagem política, foi também bastante conhecido no universo da capoeiragem em Salvador, no segundo decênio da República. Não se sabe ao certo se os seus primeiros contatos com os capoeiras foram na cidade do Salvador ou Juazeiro.

Nas memórias do mestre Noronha, Inocêncio Sete Mortes aparece listado entre os capoeiras que causaram terror nas ruas de Salvador, onde em meio a tiros e navalhadas, era ator e autor de conflitos envolvendo policiais, marinheiros e prostitutas nas famosas zonas da cidade. Morava na Boa Viagem e trabalhava como cabo eleitoral.¹⁹

As informações que encontrei em jornais (*A Tarde*, *Diário da Bahia* e *Jornal de Notícias*) e nos autos criminais do inquérito policial sobre o homicídio de Sete Mortes confirmam as memórias do mestre Noronha. Assim, pode-se inferir que se trata, aqui,

¹⁸ A TARDE. Salvador, 11 maio 1922. p. 1.

¹⁹ COUTINHO, Daniel. *O abc da capoeira angola: os manuscritos do mestre Noronha*. Brasília: CEDOCA, 1993, p. 65.

de um capoeira, guarda civil que trabalhava como capanga político e teve seu nome associado ao governo do Estado da Bahia, na gestão de Antônio Moniz de Aragão.

Figura 1 - Peça do laudo do exame corpo de delito realizado no cadáver de Inocêncio Firmino de Souza, vulgo Sete Mortes, em 1922. Documento reproduzido do Inquérito Policial disponível no Arquivo Público do Estado da Bahia.

A relação de Inocêncio Sete Mortes com o poder público, como guarda civil na Secretaria de Segurança Pública, não passou despercebido na ficção amadiana. Ele aparece no romance *Tenda dos milagres* em passagens que narram as peripécias dos “secretas” do delegado Pedrito, na “campanha civilizadora” contra o povo de santo, sambistas e capoeiras. Como membro da Guarda Civil e “pau para toda obra”, pertencia à “malta de facínoras, os assassinos a serviço do delegado auxiliar”.²⁰ Ainda assim, o autor de *Tenda dos milagres* não deu muita ênfase a Inocêncio Sete Mortes, como acontece com outros personagens, a exemplo de Zé Alma Grande, Pedro Archanjo, sendo este último apresentado por Jorge Amado como defensor do candomblé e dos capoeiras.

Zé de Ogum, segundo o enredo do romance, fora proibido por Majé Bassã de frequentar o terreiro de Xangô por ter matado uma iaô. Conta o narrador que quando ele recebia o santo sua força multiplicava. Foi o que ocorreu em uma noite de festa na Conceição da Praia. Ao receber o santo, parecia estar bastante irritado quando acabou com toda celebração. Chegando a patrulha de soldados, ele a enfrentou levando vantagens, o que lhe custou perseguição, chegando à força policial a capturá-lo no dia seguinte, quando se encontrava adormecido na Rampa do Mercado. Ao contrário de uma boa punição, o que comumente acontecia com todo aquele que enfrentava os “secretas” da Guarda Civil, o que houve foi o seu recrutamento pelo delegado Pedrito. Assim, o valente Zé de Ogum se tornaria Zé Alma Grande, o capanga de maior confiança do delegado auxiliar.²¹

²⁰ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, p. 275.

²¹ Na ficção de Jorge Amado (especificamente, em *Tenda dos milagres*), temos o caso de Manuel de Praxedes, assassinado por resistir a uma batida no “terreiro de Sabaji, nas aforas da cidade”. O caso é que, no terreiro, Manuel foi vitorioso, sendo, posteriormente, vítima de uma emboscada realizada pelos secretas de Pedrito.

Enquanto Zé Alma Grande aparece em quase todas as passagens em que Jorge Amado trata dos “secretas” do Pedrito, a presença de Inocência Sete Mortes se faz apenas em alguns momentos. Entretanto, muitas das características traçadas pelo autor para o personagem fictício de Zé Alma Grande combinam com o personagem real de Inocência Firmino de Souza, vulgo Sete Mortes.

Zé Alma Grande não discutia as ordens do chefe, não vacilava em sua execução. Não havia de ser um caboclo de revólver e ameaças quem o fizesse deixar de cumprir comando de Pedrito. Bater e matar eram para ele coisas simples e normais. [...] Zé Alma Grande, negro do tamanho de um sobrado, homem de toda confiança de Pedrito, não conhecia a cor do medo.²²

Zé Alma Grande era bastante eficiente no cumprimento de suas obrigações. Cumpria à risca o que lhe mandava seu chefe, “não vacilava em sua execução”. Curiosamente, Inocência era frequentemente acusado pela imprensa local de ser um fiel capanga de políticos ilustres. Entre os nomes associados a ele encontram-se os de José Joaquim de Seabra, Antônio Moniz e do chefe de polícia Álvaro José de Cova, todos da mesma tendência partidária, o que reforça a ideia de capangagem política realizada por Inocência Sete Mortes.²³

Assim como Zé Alma Grande, Inocência tinha um porte físico assustador e amedrontava a quem por ele passava: era “um indivíduo de constituição forte, medindo um metro e setenta e nove centímetros de altura e pesando (sic) noventa e um quilos (sic); mestiço acaboclado” (APEBA, 1922). Sua relação com

²² AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, p. 244.

²³ A TARDE. Salvador, 10 maio 1922. p. 1, 11 maio 1922. p. 1.

a população de Mont Serrat, comunidade onde morava, era de medo, pois o exercício de seu poder era imposto ao cotidiano daquelas pessoas, “suas proezas aterrorizavam ainda mais pela arrogância com que ele alardeava o respeito e a gratidão que a polícia e o governo lhe deviam”.²⁴ Assim, muito se assemelham os dois, permitindo, inclusive, sugerir que o capoeira e guarda civil Inocêncio Firmino de Souza, conhecido por Sete Mortes, pode ter sido inspirador do personagem amadiano Zé Alma Grande..

Inocêncio Sete Mortes era guarda civil de primeira classe, portanto, funcionário da Secretaria de Segurança Pública, que teria sido exonerado de seu cargo de policial e se afastado do corpo de agentes policiais da guarda civil. Talvez tal fato tenha ocorrido com a sucessão do governo de Antônio Moniz, pois a imprensa local divulgava em seus periódicos que Sete Mortes seria um capanga do governador “a quem acompanhou como a própria sombra”.

Desta forma, Sete Mortes pode ter sido afastado em 1920, quando assumiu o governo da Bahia, pela segunda vez, Joaquim José de Seabra. Conclusivamente, pode-se inferir que Inocêncio Sete Mortes não poderia ter trabalhado com Pedro de Azevedo Gordilho, o Pedrito, como insinuou o narrador, e sim com o chefe de polícia Álvaro José de Cova, um dos nomes associados a ele. Em requerimento feito ao Dr. Magalhães pelo próprio Álvaro Cova, na defesa de que Sete Mortes e sua família continuassem morando em um velho prédio em Mont Serrat, estava explícita essa relação: “Sendo o governador o dr. Moniz, o chefe de polícia dr. Álvaro Cova pediu ao dr. Magalhães permissão para

²⁴ A TARDE, 10 maio 1922, p.

continuar a morar no prédio um guarda civil casado e com filhos, de nome Inocêncio”.²⁵

Além de Sete Mortes, outros nomes de capangas da polícia secreta da guarda civil estão associados ao chefe de polícia Álvaro Cova e ao próprio José Joaquim de Seabra. Um outro exemplo é o do “secreta” Pedro José Vieira, vulgo Pedro Mineiro, um capoeira conhecido pelas suas desordens, sobre o qual já fiz referência. No romance em questão, Álvaro Cova não aparece e nem o Sete Mortes é apresentado como capoeira e sim como um facínora secreta da polícia de Pedrito.

Com base no exposto, acredito que a intenção de Jorge Amado era denunciar, através do personagem Pedrito Gordo, as práticas violentas de Pedro de Azevedo Gordilho na repressão ao povo de santo e aos capoeiras, associando ao chefe de polícia nomes de notórios criminosos da cidade do Salvador, a exemplo de Inocêncio Firmino de Souza, o Sete Mortes. A razão pela qual ocultou a cultura da capoeiragem em Inocêncio pode estar relacionada ao posicionamento ideológico do autor em relação a essa prática cultural afro-brasileira. Ou seja, os capoeiras em Tenda dos milagres teriam que ser os “heróis” e não os bandidos. É o que percebemos nos personagens de Lídio Corró e no protagonista do romance, Pedro Archanjo, o “aju oba”.

Jorge Amado não afirma ser Inocêncio Sete Mortes um capoeira, pelas razões já consideradas. No entanto, este indivíduo era um assíduo frequentador da tradicional capoeiragem da velha Bahia, estando listado na memória que se guarda dos capoeiras, vistos, às vezes, com depreciação e sendo responsabilizados pelas desordens naquelas rodas onde as navalhas agiam sem freios.

²⁵ A TARDE. Salvador, 11 maio. 1922. p. 1.

Mesmo não fazendo referência a Sete Mortes como capoeira no decorrer do romance, este não ficou de fora da galeria dos inesquecíveis capoeiras da Bahia, segundo o próprio Jorge Amado:

No recinto da Escola demonstraram valor e competência, todo o seu saber, os grandes mestres: Querido de Deus, Saverista, Chico da Barra, Antônio Maré, Zacaria Grande, Piroca Peixoto, **Sete Mortes**, Bigode de Seda, Pacífico do Rio Vermelho, Bom Cabelo, Vicente Pastinha, Doze Homens, Tiburcinho de Jaguaripe, Chico Me Dá, Nô da Empresa e Barroquinha.²⁶

Inocência Sete Mortes é destacado na companhia de capoeiras que fizeram fama na cidade do Salvador, muitos destes famosos desordeiros.²⁷ A reconstituição de aspectos da sua vida nos permite compreender faces da história social da capoeira na Bahia, a exemplo da relação de alguns deles com a vida política da capital baiana. Assim, o romance *Tenda dos milagres* se constitui em um importante registro que, cruzado com outros documentos, possibilita a realização da pesquisa histórica sobre o referido tema.

Em seus romances, que tiveram como cenário a cidade do Salvador, não escapou a Jorge Amado os capoeiras e, com esses, suas experiências cotidianas, como suas relações com a religiosidade afro-brasileira e os pequenos conflitos em que estavam envolvidos. Também não escaparam ao romancista baiano a denúncia sobre a repressão policial aos candomblés, a relação de

²⁶ AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*, p. 14.

²⁷ Encontramos alguns dos capoeiras citados por Jorge Amado nas notícias de jornais e na documentação policial pesquisada. Sobre Zacarias Grande, Piroca Peixoto e Vicente Pastinha. Ver OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No tempo dos valentes*; PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira na Bahia de Todos os Santos*.

notórios criminosos com a polícia baiana, a capangagem política e sobre a crítica às teorias raciais que alimentavam o racismo científico, presente na sociedade baiana, ainda na primeira metade do século XX. Pedrito Gordo e Inocência Sete Mortes foram protagonistas na vida real e na ficção de um dos maiores testemunhos da história social da capital baiana narrada com a magia da ficção que apenas Tenda dos milagres se dá ao luxo de gozar.